

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros..... 25500 réis
Semestre ou 26 numeros..... 13300
Trimestre ou 13 700
Avulso..... 60

ANNO I—15 DE MAIO DE 1881—N.º 13

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros..... 75000 réis
Semestre ou 26 numeros..... 40000
Trimestre ou 13 25000
Avulso..... 200

SUMMARY

Gravuras:—Marat e Carlota Corday; A paz; A guerra; Os sekos

Texto:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; Dividas do coração, trad. de Passos Valente; O domingo dos hébés; Origem de modas extravagantes; Benefícios humanos entre os negros; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amoro.

ACTUALIDADES

Temos uma esta semana, fresca, palpitante, deliciosa — as festas de Coimbra.

Imaginem uma noite de uma serenidade encantadora, Coimbra illuminada desdobrando pelos degraus do seu amphiteatro o seu novello de luz. Nos caes agita-se uma multidão enorme, d'onde

piedosa intenção de impedirem os estudantes de lhe fazer versos, como João de Lemos fez á antiga ponte, vestida agora de luz, parecia encantadora. *Je te connais, beau masque*, tive eu vanta-



MARAT E CARLOTA CORDAY

Nada houve mais admiravel, mais surpreendente do que todos esses festejos que se desenrolaram durante quatro dias n'aquella formosissima cidade. É-me impossivel porem descrevel-os todos agora, e limitar-me-hei a dar-lhes uma rapida ideia do passeio fluvial.

saem risos, cantorias, jorros de harmonia das bandas marciaes, sulcada aqui ou alem por algumas carruagens que atravessam a passo, e pelo carro americano que vae buscar passageiros á estação. A ponte do Mondego, uma ponte hedionda e macambusia que ahi fizeram ha annos com a

de de lhe dizer. És uma casmurra que andas a ver se apanhas de algum estudante uma ceia de versos, para ao romper da manhã lhe appareceres a tomar simonte, como aquella conquista de Alexandre Dumas filho na *Vie à vingt ans*.

Principia a apparecer a flotilha illuminada.

Um barco isolado, mas que as *chinese colours* rodeiam a cada instante de uma aureola suave de chammaas cor de lilaz e de violeta, passa por baixo da ponte, e vem juntar-se ao cortejo. Embarca-se, as gondolas dão volta e sobem suavemente o Mondego. Como a navegação se faz sem auxilio de rémos, o deslizar dos barcos tem um quê de phantastico. Vão cortando silenciosamente o rio. Os vivas, os bravos, o estalar dos foguetes, o estrondear das philarmonicas lançam porem no meio d'esta harmonia suave a sua nota alegre e ruidosa. Mas de repente pede-se, invoca-se, reclama-se silencio, obtem-se a custo, e o orpheon academico, que vaé lá um pouco ao longe, n'um dos primeiros barcos illuminados, então um coro do *Freysschutz* de Weber, do grande sonhador allemão.

A scena toma um aspecto verdadeiramente magico.

A cidade, com a sua pinha de luz, vaé fugindo no horisonte. Dir-se-hia a rainha Titania coberta de diamantes a ouvir, sentada no seu throno de verdura e de penedias, a serenata que em sua honra entoassem os espiritos do ar, que formam a corte de seu marido Oberon. Os barcos illuminados deslizam phantasticamente, sem o mais leve ruido, por entre as duas margens que se approximam, e em cujos recessos de verdura e de arvoredado parece ter-se acotado o placido mysterio das noites. De vez em quando vemos as arvores, illuminadas pelos reflexos d'essas chammaas fluctuantes que passam, a debruçarem-se pensativas sobre o rio espraído. Em torno da flotilha um vago nimbo luminoso, e ao longe de subito o clarão intenso da luz electrica faz sair rudemente da sombra um trecho de paisagem, com as arvores fortemente illuminadas, com uma grande lamina de prata, cobrindo a superficie do rio. Dir-se-hia o reino de luz para onde caminha essa flotilha aventureira, que vaé como que immersa n'uma nuvem phosphorescente e harmoniosa. As vozes echoam docemente nos ares, e a phantastica inspiração de Weber expande-se tão a vontade n'essa paisagem mysteriosa e vaga, como nas legendarias florestas germanicas onde brotôu primeiro.

E essa deliciosa melodia quebra o silencio suavissimo da noite. Os que vão na flotilha, escutando enlevados, nem se atrevem a fallar senão em voz baixa, até que, ao expirar a ultima nota, brota uma torrente de applausos, de vivas entusiasticos.

Chega-se enfim á Lapa dos Esteios. Vamos desembarcar. O quadro toma um aspecto completamente novo. Ha um *pêe-mêe* admiravel, os mastros illuminados dos barcos entrecruzam as suas linhas de fogo, que semeiam ao mesmo tempo de estrellas os ramos do arvoredado em que se enleiam. A luz electrica faz sair da sombra, com toda a opulencia das suas côres, centos de rosas que se debruçam á beira do rio. Nada-se n'um mar de luz, ha tons alegres em todo aquelle animadissimo quadro. O cortejo sobe a escadaria da quinta das Cannas, para junto da lapide commemorativa d'essa festa de primavera a que assistio Castilho. Ali um academico recita uns versos sonoros á liberdade. Um inconveniente qualquer, de que me não lembro agora, faz com que se não cumpra n'essa parte o programma, que marcava a recitação do episodio de Ignez de Castro, idea encantadora que seria a coroação poetica d'essa maravilhosa festa.

Accendem-se os archotes, forma-se o cortejo, organisa-se a *marche aux flambeaux*. Dizem que foi prodigioso o effeito. Coimbra vio de repente accender-se na margem opposta uma longa fita de luz e desenrolar-se ao longo do rio, depois caminhar, vir desenhando a fogo as innumeras ondulações da estrada. Devia ser esplendido. Quem fazia parte do cortejo não o podia apreciar.

Entra-se em Coimbra ao som dos vivas, dos bravos, das musicas triumphaes. Dispersa-se o cortejo pelas ruas emmaranhadas da cidade alta, e eu acho-me enfim no meu quarto, com os olhos ainda cheios de luz, com os ouvidos ainda cheios de harmonias, com o espirito ainda cheio de um entusiasmo febricitante que me inspirava essa festa, a mais brilhante de certo a que tenho assistido em toda a minha vida.

O leitor deve estar profundamente surprehendido de eu lhe não ter fallado ainda na lua. A lua e o Mondego são inseparaveis ha muito tempo. Não havia luar? Havia, mas era um luar amuado, um luar pelintra, um luar preparado positivamente por machinas defeituosas, como a luz electrica da Academia Real das Sciencias nas noites das conferencias africanas.

Sejamos justos tambem. A lua tem certas razões de estar amuada com a academia de Coimbra. Foi muito mimosa de elogios. Está mal costumada. Nos aureos tempos do *Trovador* apanhava serenata todas as noites. Já antes d'isso no tempo das Marilhas tivera um culto ainda mais completo. N'esse tempo era a argentea Phebe, a rainha da noite, a casta Diana, tratavam-n'a por magestade, ajoelhavam diante d'ella, tinham por ella um respeito extremamente adjectivado e extraordinariamente classico. Havia más linguas que diziam que ella provocava escandalosamente o pastor Endymião, mas isso considerava-se como um *racontar* do Olympo, e enfim d'essa fraquezas nem todas as soberanas se livram.

Essa da Russia imperatriz famosa...

E tal, etc.

Os romanticos trataram-n'a com menos consideração, mas amaram-n'a, tomaram gargarejos por causa d'ella, consideraram-n'a como uma rapariga pallida que morava no quinto andar do firmamento, e que lhes vinha fallar á noite quando o papá sol estava descansando das fadigas do dia nos braços de Thetys, sua esposa mais ou menos legitima. Era menos respeitoso, mas ainda era lisonjeiro. Não lhe dirigiam allocuções como os classicos, mas mandavam-lhe cartas de namoro, e a pallida Lua gostava da brincadeira. Mulheres!

Mas n'isto chegam os outros, os modernos, os realistas ou o que é que elles são, e começam a descompô-la: Sua esta, sua aquella, você é anemica, você é obscena, você é a vergonha da cara do sr. Sol seu pae. Chamaram-lhe casta Diana, e astro saudoso, e o diabo que a leve, e você afinal não é mais do que uma *entremetteuse*, que tem deitado a perder muita rapariga honesta, e feito descarrilar no quinto anno juridico muito bacharel em perspectiva, que lhe fez versos a você, em vez de fazer dissertações para o doutor Paes. Não nos ande a provocar, que nós bem sabemos quem você é. Essa tunica de luz com que você seduziu os nossos antecessores não é mais do que a camiza de dormir do Sol, seu pae,

que você lhe apanha quando elle está na cama. Uma setellite miseravel é que você é, uma criada de servir da Terra, e concunda demais a mais com as suas montanhas e os seus vulcões apagados, e *sem ar*, ainda por cima. Ora metta-se com a sua vida, e deixe-nos tratar dos actos.

É necessario sermos justos com todos, mesmo com a Lua, e, verdade, verdade, acham que ella podia decentemente apparecer no cortejo fluvial? Vontade teve ella d'isso, mas via-se que estava á espera d'aquella *nuvem caminante* do sr. Antonio de Serpa, para se velar quando visse descompostura proxima.

Para completar, uma nota delicadissima. Os estudantes fizeram d'este formoso passeio fluvial uma homenagem á rainha. Quando a flotilha partiu, veio um telegramma annunciar á primeira senhora portugueza que o seu nome era entusiasticamente applaudido nas margens do Mondego. Já vês, ó Lua, que não é necessario ser-se trovador e paladino de chácara para se terem estas idéas cavalheirescas e encantadoras.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

MARAT E CARLOTA CORDAY. — Se a revolução franceza foi um facto assombroso, do qual resultaram grandes beneficios para a França e para o mundo, tambem creou elementos que a propria França teve que destruir e o historiador siso e imparcial terá que reprovar para sempre.

O terror podia ser, e foi, odioso producto de um successo politico; mas os seus effeitos podiam arrastar a um abysmo incommensuravel os luminosos principios que deviam de sair da revolução. Queriam governar com o odio, com a aversão, com o desencadeamento de paixões que levavam ás mais execrandas scenas, quando deviam encaminhar, conduzir, esclarecer, pelas sendas, embora tortuosas e arriscadas, que trouxessem a ordem, a paz, a conciliação. Em vez dos vivos clarões da luz, que se fazia; parecia que queriam tornar mais espessas as trevas, que pretendiam destruir.

Entre os homens que figuraram nas luctas medonhas de 1789 a 1794, ao lado de Danton e Robespierre, é, talvez, Marat o de mais abominavel contorno, e o de mais sinistro vulto na historia da revolução franceza. A sciencia, em cujo cultivo elle passava o melhor da sua vida, não lhe serviu de norte ao rebentar a revolução; e o seu cerebro exaltado na paixão partidaria, o seu coração movido por um sentimento de preversão, deixaram-n'o levar n'uma corrente que o perdeu como um reprobato.

Marat tendo a pretensão de dirigir e incitar as massas populares que o applaudiam em seus desregramentos, e o inebriavam nos seus desatinos, não calculava acaso que ellas, como o oceano, se levantariam encapelladas e furiosas, na sua inconsciencia e na sua ignorancia, para o esmagar a elle, á revolução e á patria.

O horrendo quadro em que sobresahe a figura de Marat, é em demasia conhecido; nem a proposito da gravura que acompanha estas linhas, me proponho reproduzi-lo. Marat, se havia de succumbir entre o povo, cujas paixões e cujos odios excitara, morreu ás mãos d'uma fragil mulher, alucinada tambem por uma devoção patriótica. Ju-

rou ella, Carlota Corday, que os actos sanguinarios aconselhados e promovidos por Marat podiam ter um termo com a morte d'elle, e cumpriu-o.

— Assassina-o-hei! — disse Carlota Corday com a convicção dos fanaticos. — E um dia partindo-se precipitadamente de Caen, onde fôra educada, veio a Paris executar o seu projecto. Quando a joven Carlota chegou, Marat estava no banho. Elle interrogou-a persuadido de que tinha diante de si uma confidente e uma partidaria, uma mulher decidida aos seus negros propositos de extermínio, porém só viu, como resposta, a arma que lhe deu o golpe mortal. Este é o assumpto do quadro de Weertz, representado na gravura, e exposto o anno passado em Paris no esplendido certamen de bellas-artes. O assumpto não é agradável, mas a historia não se adultera. A firmeza da joven, ao pé do assassinado nas derradeiras agonias e em frente da multidão que entra furiosa, é perfeita, e de uma expressão admiravel. Aquella firmeza é a que acompanhou Carlota Corday ao patibulo.

BRITO ARANHA.

A PAZ E A GUERRA — O auctor d'estes dois quadros propoz-se representar — sob uma forma allegorica e por meio de um contraste frisantissimo — de um lado as doçuras e alegrias, que experimentam as familias, em cujo seio reina a paz e a concordia, de outro, as calamidades e misérias, que são a consequencia inevitavel das discórdias domesticas.

A paz é symbolizada pelo aspecto encantador de uma familia de torcazes. Vê-se que entre paes e filhos existe a mais estreita união, a mais perfeita harmonia. É um modelo muito para seguir e imitar. Os filhos vão crescendo em belleza e em juizo debaixo do abrigo vigilante e da guarda severa dos paes, que bem comprehendem não poder haver felicidade no lar domestico sem tolerancia reciproca dos donos da casa. Conformam-se todos com a sua sorte, recebendo alegres e contentes os afagos e caricias do prazer, soffrendo com resignação as visitas da dôr e do pezar.

Agora o reverso da medalha. A segunda scena é o exemplo eloquentissimo de uma tortura constante, de um inferno, que outra cousa não é a vida em commun de dois entes, que se não entendem, cujas almas se não completam uma pela outra, e que longe de se auxiliarem mutuamente nos penosos trabalhos e rigores do destino, antes vivem em constantes alterações, que passam muitas vezes de palavras a factos.

O pae vem para casa fóra de horas, não tem a minima consideração pela familia, deixando que lhe falte o indispensavel para manter-se. A casa não é só pobre, senão o retrato da pobreza e da miseria. A desordem, o desconcerto, que n'ella se observa, contrasta salientemente com o adoravel accio que respira a habitação visinha. Eil-os mais uma vez em lucta. O pae, atacando sem piedade a companheira, expulsa-a do ninho, e no ardor do combate quebram-se os ovos, e derramam-se pelo chão. E assim fica para sempre destruida a esperanza de uma feliz ninhada, e de um lar tranquillo e sosegado!

Os sokos. — O celebrê viajante, David Levingstone, que a morte roubou a sciencia e a humanidade em 1873, refere-se a uma especie de macacos, denominados sokos, que se encontram na Airica central.

Tem mais de um metro de estatura, e andam

a maior parte das vezes na mesma posição, em que anda o homem. Parece que todos os esforços dos modernos naturalistas são empregados com o fim de nos convencerem de que todos nós não passamos de uns macacos mais ou menos civilizados. Lançam mão de todos os argumentos para robustecer a sua pouco amavel opinião. Existe em Rilhafolles uma rapariga *microcephala*. Estudam-lhe o cranco, os movimentos, uns gritos particulares, com que a desgraçada manifesta o seu espanto deante dos srs. Quatrefages e Henri Martin, e conclhem logo que um tal ente não existiria se não fosse oriundo de alguma seita de chimpanzés.

O gorilla, esse grande macacão, tão notavel e conhecido, reúne uns poucos de amigos e parentes, e, armado de um valente cajado, vae para o meio d'elles, grita, berra, faz-lhes um discurso energico e eloquente, depois do qual partem todos para um determinado fim. Deduzem logo d'ahi que o gorilla não revelaria tão apreciaveis dotes de tribuno, se não tivesse parentesco muito proximo com a raça dos pregadores e deputados. Darwin, homem cheio de convicções, e que posue, como ninguem, a coragem da sua opinião, affirma á luz da razão e da sciencia que o homem descende do macaco. Admittida pois a origem simeana da humanidade, e demonstrado que o primeiro macaco teve por nome Simão, quando qualquer descendente enfatuado dos Almeidas, Pachecos e Albuquerque pretendem mostrar que são infundadas as pretensões de certo *parvenu*, que deseje aparentar-se com elle, em vez de dizer: «só se fomos primos em Adão», terá de exclamar: «só se fomos primos em Simão!»

Posto isto, continuemos a descrever os sokos. São de uma fealdade repellente: a cara é emolurada por uma barba espessa, de um amarello vivo; a testa é muito curta; as orelhas são grossas e muito afastadas da cabeça; e a bocca, muito semelhante á dos cães, é guarnecida de dentes muito agudos. São uns verdadeiros *monos*!

As mãos tem grandes analogias com as dos indigenas d'aquellas regiões, que se regalam de comer optima carne d'estes animaes.

Dotados de grande força e de muita sagacidade, os sokos atacam muitas vezes os negros, e roubam-lhes os filhos.

Nutrem-se de fructos sylvestres, e vivem em bandos de seis e sete.

A nossa gravura representa uma caçada aos sokos feita por negros.

Levingstone, que assistiu a uma d'essas caçadas, conta que varios macacos, expulsos de suas habitações pelo incendio de uma floresta, refugiaram-se junto de uma aldeia de negros, e que estes viram-se obrigados a combater vigorosamente contra o inimigo, sendo grande o numero de victimas de um e outro lado.

D. SABINO DE GOICOCHEA

DIVIDAS DO CORAÇÃO

TRADUÇÃO DE

J. M. PASSOS VALENTE

(Continuado de pag. 96)

Um grito agudo, penetrante, um grito seelva-gem, que tanto podia ser arrancado pela dôr de um coração ferido, como pela satisfação de ter descoberto a verdade, foi a resposta que recebeu

aquella muda mas expressiva manifestação do soldado, e veloz como o pensamento deitou a correr a desgraçada, fóra de si, em direcção ao norte da sua esperanza.

Reparae bem n'ella!

Pallida, febricitante, com os cabellos desgredados e o fato em desalinho, reparae n'essa mulher, que poucos instantes depois, se move de um para outro lado, correndo, parando, abaixando-se até o chão para tornar a erguer-se mais agitada, mais convulsa, mais desesperada, mais... louca! Louca sim, que só esta palavra pode traduzir bem o estado de excitação, em que se acha a pobre mãe, que procura o fructo das suas entra-nhas, ali onde horas antes se despediram d'este mundo até á eternidade tantos e tantos filhos!...

Detem-se um instante para estender a vista desvairada por aquelle vasto campo ainda humido de sangue.

Nada vê. Chegam-lhe porém distinctamente aos ouvidos os gritos dos feridos, os ais dos moribundos, e até julga perceber o ultimo alento dos que morrem; e em cada grito, em cada gemido, em cada suspiro, arrancado talvez ao ar que sussurra, julga ouvir claro e distincto o gemido, o ai, o ultimo alento do filho da sua alma.

Cem vezes pelo menos se tem abaixado a examinar outros tantos rostos inertes, jovens, pallidos e formosos, não manchados, mas lavados pela polvora e pelo sangue.

Baldados esforços! Os seus olhos negros como a noite não se encontram com os olhos que procura, as suas pequenas mãos não apalpm o rosto tantas vezes por ellas acariciado; as suas tranças de azeviche não se entrelaçam com os cabellos d'ouro ainda ha poucas horas confundidos em um apaixonado beijo! Nada! Os rostos examinados um a um não lhe mostram uma só das feições que ella busca.

Os soldados que se occupavam em recolher os feridos e enterrar os mortos, olharam-n'a com estranheza ao principio, com interesse depois, e afinal com respeitosa admiração; é que adivinhavam no proceder d'aquella mulher alguma coisa de nobre, de sublime, de digno!

E' que ali, onde se achavam ainda tão manifestos os vestigios do combate, onde não havia uma só pollegada de terreno que não tivesse sido campo de batalha, onde se viam confundidos os ossos dos vencedores e dos vencidos, onde a morte tudo equalava, ali imperava a compaixão, dominava a caridade; ali tudo era amor, tudo era unção!

Parou junto d'ella um veterano com o rosto queimado pelo sol e o bigode encanecido pelos annos, e manchados rosto e bigode pelo fumo da polvora e depois de por um momento a contemplar em silencio, disse-lhe com o tom que poderia ter empregado um amigo carinhoso:

— Que procura, boa mulher?

Maria — assim se chamava aquella que tantos traços de similitude tinha com a mãe do Deus Homem — Maria, como que admirada de que houvesse alguém que ignorasse o objecto das suas pesquisas, respondeu:

— Procuo o meu filho. Sabe acaso onde elle está?

— Quem é seu filho?

— Quem é meu filho? Quem é meu filho?...

Tem razão, accrescentou pouco depois; tem razão! O senhor não o conhece.

— A que batalhão pertence?

— Eu sei! Esteve aqui, não voltou com os seus... deve cá estar por força.

— Com os seus!... quem são os seus?

— Os seus companheiros... os seus patricios... os navarros!

— Pobre mãe!

— Que diz? exclamou Maria, a quem não escaparam as palavras do soldado.

— Eu? que entendo que perde o tempo e a saúde correndo assim de um para outro lado.

neiros... Não me tinha lembrado de tal! Obrigada. E deitou a correr ao acaso.

— Eh! gritou-lhe o veterano; não é por ahí; por ali! e estendeu a mão na direcção da villa de Nazar.



A PAZ

— Ah! n'esse caso é carlista.

— Sim, é carlista. Conhece-o? Ah! diga-m'o; diga-m'o por tudo quanto mais ama no mundo.

Ficou o veterano sem saber o que responder áquella pergunta tão simples contentando-se com balbuciar:

— Que heide fazer então para o encontrar?

— Eu sei!... olhe... no seu logar iria até á villa, e procuraria informações sobre os prisioneiros... Talvez que o encontre entre elles; se não estiver lá, é inútil cançar-se em procurar.

— Talvez, sim!... talvez que entre os priso-

achava-se acampado n'esta villa o regimento que mais se havia distinguido na acção d'aquelle dia, e aos valentes que a elle pertenciam tinha sido confiada a guarda dos prisioneiros.

Chegou Maria anhelando de cansaço á entrada da povoação, e sem perder tempo a tomar

alento, perguntou a uns soldados, que encontrou na passagem, pelo sitio onde estavam os prisioneiros.

Encaminhara m-n'a para a casa do *ayuntamiento*, em uma de cujas mesquinhas e estreitas salas

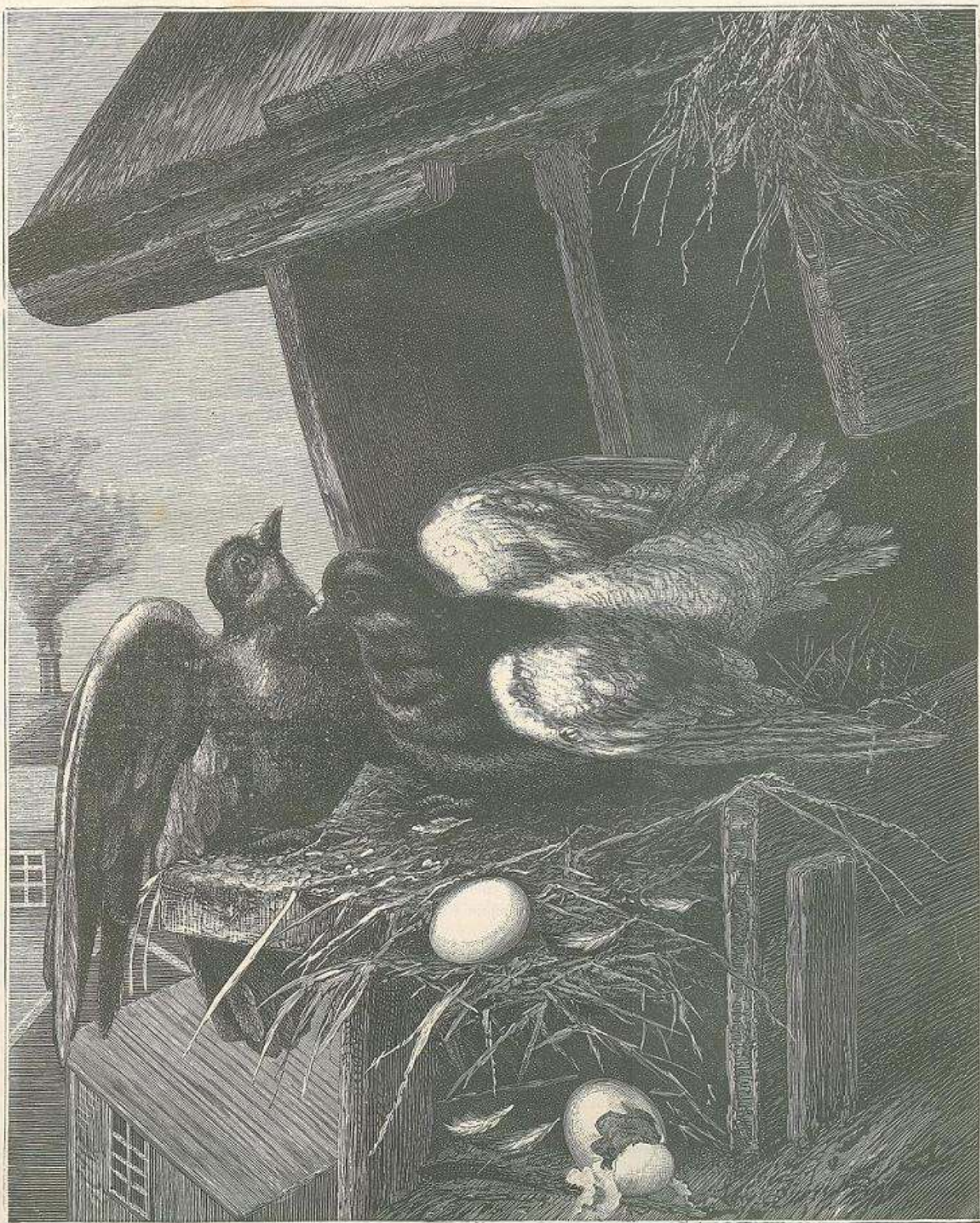
ció, fez parar Maria que ali queria entrar. Nem os rogos, nem as supplicas, nem o pranto da mãe foram capazes de a fazer esquecer das instrucções que recebera.

Perguntou se entre os prisioneiros se acha-

pois de haver-se informado da causa d'aquelle alvoroço, perguntou á mãe:

— Como se chama seu filho?

— Luiz, respondeu Maria, divisando n'aquella pergunta um raio de esperança.



A GUERRA

estavam fechados os vinte infelizes a quem, por lhes não ter cabido a gloria de morrer no campo da batalha, estava reservada uma morte, se não menos heroica, menos digna seguramente, supposto que deviam recebê-la pelas armas.

A sentinella, que se achava á porta do edifi-

va seu filho; porém nem a sentinella, nem nenhum dos soldados que formavam a guarda poderam diser-lh'o, por isso que ignoravam absolutamente os nomes e condições dos prisioneiros.

Aos gritos, e soluços de Maria aproximou-se o commandante da guarda, o qual, de-

— Luiz... de?... continuou o capitão examinando um papel, e acrescentando em acto continuo: — Luiz de Urbieta?

— Sim, senhor official, Luiz de Urbieta; é esse o seu nome, respondeu cheia de alvoroço a mãe, antes do official ter acabado de fazer a pergunta.

— Está aqui; é um dos prisioneiros.
— E' verdade o que me diz?... Oh! meu Deus! não me engana?

— Ora essa!... o caso não é para estar brincando. Está aqui, já lhe disse.

— Senhor Deus de misericórdia, exclamou Maria levantando os olhos e as mãos para o céu, que fiz eu para merecer uma tão grande felicidade?

O official e os soldados que rodeavam a pobre mulher olhavam-n'a surprehendidos ao ouvir o que ella dizia, pois não podiam comprehender que uma mãe pudesse dar graças a Deus de ver o filho feito prisioneiro.

(Continua)

O DOMINCO DOS BÉBÉS CONTOS ALLEMÃES

Um juiz ás direitas

Um ricoço muito avaro perdeu um saquitel com boa somma de dinheiro em ouro. Deitou logo annuncios nas folhas, prometendo cem talers de alvagaras a quem lh'o restituísse. Um campones, que tinha encontrado o sacco, foi contentissimo entregal-o ao nosso homem. Elle contou e tornou a contar o dinheiro, e depois de certificar-se que nada faltava, disse com a maior seriedade para o camponio:

«Deviam estar aqui dentro oitocentos talers; não encontro senão setecentos, vejo que vocemecê teve o cuidado de tirar por suas mãos os cem que eu tinha prometido: estamos pagos.»

O camponio cahiu das nuvens, porque não tinha tocado no dinheiro, e similhante recompensa de modo nenhum o podia satisfazer. Vamos ao juiz, exclamou elle muito azedado com a historia; não senhor, isto não fica assim; vamos ao sr. juiz, e o que elle disser é o que se faz. Foram. O juiz ouviu um e outro com a maior attenção; pensou um pouco sobre o caso, e por fim sahio-se com esta sentença:

«Vocemecê, disse elle, voltando-se para o ricoço, perden um sacco com oitocentos talers; e vocemecê, continuou o magistrado dirigindo-se ao camponio, achou um sacco com setecentos talers. Muito bem. Está provado, que o sacco que vocemecê achou, não é o mesmo que este senhor perdeu; e por tanto tome você outra vez conta d'elle, e guarde-o, até que appareça alguém a reclamar-o. Quanto ao meu amigo, concluiu o juiz voltando-se novamente para o avaro, com um risinho de escarneo, não tem outro remedio, senão ficar esperando com paciencia que lhe appareçam os seus oitocentos talers.

A herança do nosso pao

Foi o sultão á mesquita fazer a sua oração. Approxima-se d'elle um pobre muito esfarrapado e diz-lhe:

«Poderoso senhor, acredita no que diz o sancto propheta?»

O sultão, cuja piedade era notoria, respondeu: «Se creio! Sem duvida nenhuma; creio firmemente em tudo quanto diz o sancto propheta.»

O pobre redarguiu:

«O propheta diz no Alcorão: — Todos os homens são irmãos. — Senhor meu irmão, tende a bondade de repartir comigo da herança.»

O sultão sorriu-se, pensando consigo: eis um modo originalissimo de pedir esmola. E deu ao pobre uma piastra.

O mendigo olhou e tornou a olhar para a moeda; voltou-a nos dedos mais de uma vez, e por fim, levantando a cabeça, disse para o sultão:

«Senhor meu irmão, tu dace-me apenas uma piastra e possues mais ouro e prata do que poderiam carregar cem camellos. Chamarás tu a isto repartir irmãmente?»

O sultão poz o dedo na bocca, como para indicar-lhe silencio, e acrescentou:

«Cala-te, meu querido irmão, contenta-te com isso e cala-te, muito calado; não digas a ninguém o que te dei, porque bem sabes quanto a nossa familia é numerosa, e se cada um começasse a exigir o que lhe pertence, ainda tu terias a repôr.»

O querido irmão convenceu-se, e decidiu-se a ir immediatamente esbanjar a herança, antes que lhe pedissem tornas.

O bobo e o rei

Tinha o rei um cavallo que estimava muitissimo, e disse uma vez:

«Eu não sei o que faria, se este cavallo morresse; o que sei, é que mandava enforcar, sem appellação nem aggravo, quem me desse similhante noticia.»

Um bello dia o cavallo morreu: como é natural, ninguém se atreveu a dizer tal ao rei, que estava muito tranquillo da sua vida, longe de pensar em similhante desgraça. Apresentou-se diante de sua magestade o bobo da corte, chorando perdidamente, e dizendo entre soluços:

— Ai! meu senhor, que desgraça, que immensa desgraça! O vosso cavallo, aquella joia, o vosso rico cavallo...

— Morreu? pergunta o rei pallido de assombro; e sem esperar resposta continua: — morreu, não ha que duvidar, morreu; cala-te...

— Senhor, prosegue o bobo redobrando o choro, senhor, eu não choro pelo cavallo, choro por outra desgraça muito maior do que essa?

— Então que foi? pergunta o rei inquieto.

— Não foi; ha de ser o desgosto que nós termos de sentir, vendo enforcar vossa magestade, por ter dado a si proprio a noticia que eu bem lhe queria encobrir.

Apezar da sua afflicção o rei não pôde deixar de sorrir-se, e attendendo ás circumstancias attenuantes, commutou a pena de morte em dois pontapés bem puxados, que deu ao bobo.

ORIGEM DE MODAS ESTRAVAGANTES

Primeiro que tudo cumpre observar — para governo das futuras elegantes — que as modas mais exageradas e caprichosas, tiveram sempre origem na necessidade de occultar ou disfarçar alguma deformidade physica. Poucos factos historicos bastam para provar claramente o que acabamos de dizer.

Henrique Plantagenet, duque de Anjou, tinha uma enorme excrecencia no pé; e depois de meditar profundamente na maneira de encobrir tamanha defeito, introduziu na corte o uso d'aquelles sapatos ridiculos e horrorosos, conhecidos pelo nome de *poulaines*, terminados em ponta, de um comprimento extraordinario, tão incommodos

que se prendiam aos joelhos por meio de cadeias.

Carlos VIII, rei de França, adoptou os fatos compridos e soltos, porque tinha as pernas tortas.

Francisco I, recebendo em Pavia um ferimento na cabeça, cortou o cabello e a barba — e todas as barbas de França e de Inglaterra desapareceram como por encanto.

Henrique VIII, seguindo o exemplo do seu real visinho, suscitou grande escandalo entre os velhos bretões, que por tal forma patentearam ao rei o seu descontentamento, que elle disse-lhes um dia em ar de riso: «parece-me que ligam mais importancia á barba do que á cabeça.» Gracejo altamente significativo na bocca de um soberano, que não era lá muito economico das cabeças dos seus vassallos.

Luiz XIV, que tinha lobinhos na cabeça, julgou dever obrigar os cortezaes a vergar ao peso de grandes e custosas cabelleiras.

Uma formosa dama da corte de Eduardo VI de Inglaterra, inventou os signaes, as *mouches*, para cobrir uma pequena verruga, que manchava a brancura alabastrina das suas espaduas.

As anquinhas adquiriram foros de elegancia, porque uma infanta de Hespanha era senhora e possuidora de um quadril mais forte do que o outro.

Durante cincoenta annos, as mais jovens e encantadoras mulheres da Europa, commettiam o peccado de furtar ás vistas de seus admiradores a cor natural dos cabellos, cobrindo-os com uma camada de farinha — porque o duque de Richelieu inventou a moda dos pós para que se não vissem os fios de prata, que lhe emolduravam o rosto.

A meu vêr, de todas as modas cujo fim é dissimular alguma imperfeição, uma só é de veras elegante, e merece especial menção: é a dos lenços guarnecidos de rendas, inventada pela mulher de Napoleão I.

A imperatriz Josefina tinha uns dentes feiissimos: — hoje quanto mais se envelhece tanto mais bellos se tornam os dentes; antigamente não succedia assim, a prothesis dentaria estava na infancia.

Para occultar o seu defeito, a imperatriz tinha sempre na mão um lenço de cambraia guarnecido de optimas rendas; quando conversava, levava-o constantemente ao rosto, o que produzia o effeito de uma nuvem de renda perfumada, que se agitava em torno d'ella.

Esta moda é, na realidade, elegantissima, e não passará como tantas invenções ridiculas, introduzidas por quem desejava afeiar os outros, porque se não podia alindar a si proprio.

SACRIFICIOS HUMANOS ENTRE OS NEGROS

Em toda a parte despertam curiosidade os assumptos relativos ás diversas regiões da Africa. Benemeritos exploradores lustram e percorrem aquellas remotas paragens, e dando conta do resultado de suas experiencias e observações, ensinam ao mundo civilizado o muito que se pode esperar do continente africano. Aos trabalhos importantissimos dos Stanleys, dos Serpa Pinto, dos Capello e dos Ivens, se deve o conhecimento de nascentes de rios, de grandes tractos de terra em condições edoneas para determinados

generos de cultura, e pelas descripções d'aquelles viajantes se pode formar uma ideia perfeita da indole, tendencias, e costumes dos povos, com quem estiveram em contacto.

Não ha tribus mais ferozes nem mais barbaras do que as que habitam a Nigricia e suas immedições. Entregam-se quasi todas ao cannibalismo, e para esse fim aguçam e afiam os dentes com uma lima. Todas as suas grandes festas e ceremonias são acompanhadas de sacrificios humanos, sendo immolados como victimas os escravos, os condemnados a morte e os prisioneiros de guerra.

Não se pode phantasiar cousa mais barbara do que os sacrificios, com que os negros, na cegueira da superstição, procuram tornar propicias as suas divindades. Causam horror e medo as descripções minuciosas de semelhantes crueldades: são verdadeiras carnificinas, em que milhares de homens recebem a morte por estrangulação ou enforcamento.

Quando morre algum rei, são immolados sobre o tumulo todos os seus escravos, em numero de muitos mil, os seus ministros e mulheres, cuja somma não é inferior a quatrocentos. Esta monstruosidade tem por fim honrar os manes do defuncto monarcha. Quando se elege o successor, procede-se a novas immolações sob pretexto de mandarem ao morto a noticia da coroação. Faz-se um grande vaso de forma extravagante com argila amassada no sangue das victimas, e n'essa urna funeraria se encerram o craneo e ossos do ultimo rei.

Religião, governo, estado social, vida domestica, tudo na Nigricia tem o cunho da barbarie mais selvagem, a mais grosseira e completa ignorancia. Um animal, um passaro, uma planta, o vento, o sol, a lua, quanto produz impressão sobre os sentidos, converte-se em objecto de respeito ou de terror supersticioso, em uma divindade, a que se offerecem vidas humanas como sacrificio.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 95)

A troika passou o Angara por uma ponte de madeira, entrou na cidade por uma porta guardada por cossacos e atravessou uma grande praça rodeada de edificações monumentaes, em tudo semelhante ás praças das grandes cidades da Russia.

Irkutsk, que hoje conta pouco mais ou menos trinta e cinco mil habitantes, é a residencia de um governador geral, que exerce a sua auctoridade sobre um paiz dez vezes maior do que a França. A importancia d'esta cidade augmentou ainda em virtude das acquisições ultimamente feitas pela Russia sobre o Amor. No paiz ha negociantes enormemente ricos, que poderiam rivalisar com alguns dos nossos mais afamados milllionarios. Os seus palacios luxuosos, mobilados com todo o conforto e requintada elegancia da vida parisiense, tem estufas cujas plantas tropicaes foram levadas da Europa com grande dispendio, atravez dos steppes da Siberia. Nada parece demasiadamente caro a esses prodigos, que só apreciam as coisas pelo valor que lhes custaram. Conso-me-se mais *pâté de foie gras* e mais vinho de

Champagne em Irkutsk, nos confins do mundo selvagem, do que nas nossas cidades de França. «A França produz os vinhos, a Siberia bebe-os», diz um proverbio local.

Yegor Semenov ficou pasmado quando passou pelo bazar, em que a Europa e a Asia confundem os seus productos mais preciosos: sedas de Lyão e cachemiras do Thibet, porcelanas francezas e porcelanas da China, bonecas de Paris e brinquedos do Japão, facas inglezas e caixas de musica de Genebra.

Negociantes manchus, de tunica azul celeste ou de casaco acolchoado, tendo na cabeça o barretinho a que está presa a trança postica, que desce até os pés, com grandes oculos fixos cavalgando o nariz arrebitado, accoravam-se por detraz de montões de caixas de chá, pondo as mãos com unhas pontegudas em cima de perfumadores, que exhalavam essencia de sandalo. Judeus de castan gorduroso, com uma golla de pelle já muito roida, o barrete de astrakan enterrado até á testa, a barba crescida terminando em ponta, immoveis deante da sua exposição de pelles, fitavam os transeuntes com os seus olhos redondos de gavião. Chefes boretas, — raça nómade habitante dos steppes que rodeiam o lago Baikal — estavam sentados, com as pernas cruzadas á maneira buddhica, deante de enormes fardos de lã, transportados em jangadas sobre o Angara.

À roda do bazar erguiam-se as barracas de comediante, de dansadores de corda, e de prestidigitadores. Atravessando a grande praça, que tem quinhentos pés de comprimento, a troika do viajante encontrou velhas caleches francezas, carruagens inglezas de oito molas, tiradas por quatro cavallos, com creados de libré, «drochkis» de um cavallo só, «telegues» e «kibitkas».

Ao deixar a praça do Bazar a troika sahio do bairro elegante, cujas ruas tem optimos passeios e são perfectamente macadamizadas, para entrar-se em viellas formadas por miseraveis casas de madeira, cortadas de regos profundos. Por via de regra, nas cidades da Russia, em que tudo o que diz respeito á civilisação é de importação recente, não ha transição entre o palacio e a choupana.

É n'essa parte suja, repellente, infecta da capital, n'esses becos tristes, em que reina uma luz de prisão, que habitam os infelizes tirados pela clemencia moscovita do fundo das minas, em que se viam morrer a pouco e pouco.

Abandonados aos proprios recursos, os exilados exercem pequenas industrias, misteres infimos para poderem viver. Antigos generaes fazem-se marceneiros ou sapateiros, jornalistas abrem lojas de barbeiro, doutores em direito tornam-se negociantes de pelles de marta.

Yegor atravessando esse bairro do infortunio e da miseria, attentava em todas as portas, em todas as janellas, esperando ver assomar a cabeça graciosa de Nadege, com a sua aureola de cabellos louros. Baldado empenho; a troika parou deante de uma das ultimas habitações do bairro.

— Foi para aqui, disse o yemshik, que recebi ordem de te trazer.

O cocheiro ajudou Yegor Semenov a transportar o sacco para casa, subiu para a almofada e desapareceu.

IV

Yegor tinha recuperado toda a energia. De uma excessiva impressionabilidade, como todos os sla-

vos, passava repentinamente, sem transição, de um extremo a outro. Tão abatido e desanimado estava alguns dias antes, quanto se sentia agora outra vez forte, prompto para lutar com animo contra o destino, decidido a continuar até ao fim a batalha da vida...

Antes de lançar os olhos para o domicilio, que lhe era destinado, Yegor voltou á rua, dirigiu-se ao primeiro transeunte e perguntou-lhe se conhecia em Irkutsk um deportado, que tinha por nome Davidoff.

— Davidoff?... Esse nome não me é estranho... Pergunte no fim da rua em casa do taberneiro Issakoff; elle lá tem suas razões para conhecer toda a gente... empresta dinheiro a juros...

— Muito obrigado, disse Yegor. E accelerou o passo. — Davidoff vivia!

O judeu Issakoff affirmou-lhe que o poeta e a filha habitavam n'um pequeno casal fóra da cidade.

— Quanto tempo se gasta para ir d'aqui até lá, andando bem? perguntou Yegor.

— Vinte minutos.

Mas a noute já vinha cabindo. Yegor pediu ao taberneiro que lhe dresse um guia; queria n'aquella mesma noute ver Davidoff e Nadege.

— Ah! se o senhor trouxesse o perdão para o pobre do velho, praticava uma boa acção! exclamou Issakoff; aquillo está por pouco! O perdão restituia-lhe a vida...

Yegor perguntou com anciedade algumas explicações sobre o estado do infeliz deportado, mas o taberneiro limitou-se a responder por monosyllabos:

— O exilio! a miseria!... então que quer? isto mata!

Um dos filhos de Issakoff, que servia na taberna, acompanhou Yegor. Á porta da cidade tiveram de declarar ás sentinellas para onde iam.

A noite estava linda; o céu recamado de estrellas. No campo já dormia tudo. O Angara deslisando em torno das muralhas de Irkutsk, assimilhava-se a uma corrente de prata fundida. Chegaram ao casal formado de uma longa rua de pequenas casas de madeira muito deterioradas, cujos tectos com as arestas partidas tinham o aspecto de queixos phantasticos. De espaço a espaço uma ou outra luz illuminava as folhas de papel que substituíam os vidros das janellas. Não se ouvia o mais pequeno ruido. Um silencio de morte. Parecia um cemiterio ás horas, em que os fogos fatuos dançam por cima das sepulturas.

O filho do taberneiro indicou a Yegor uma «isha» de apparencia ainda mais triste do que as outras: estendeu a mão para receber a gorgeta e retrocedeu.

Yegor com o coração opprimido, suffocado, conservava-se immovel, deante da porta, sem se atrever a bater.

Finalmente bateu devagar.

A porta abriu-se.

Appareceu uma rapariga, trajando como as camponesas da Siberia; um pequeno corpo com suspensorios cruzados sobre a camisa branca de mangas em fofos, e saia de sarja encarnada.

Yegor correu para ella.

— Nadege! exclamou elle, não me reconheces?

Ella recuou espantada; mas o som d'aquella voz achou tanto echo no seu coração, que Nadege voltou para ao pé do rapaz. Examinou-o um

instante, deu um grito: — Yegor! e cabiu-lhe nos braços.

Depois, pegando-lhe na mão, levou-o ao segundo compartimento da isba, no meio do qual estava sentado n'um banco tosco, um velho pallido, de barba e cabellos brancos, trajando também a maneira do paiz: cafetan comprido atado á cintura com um cordão encarnado, e botas verdes.

— Yegor! Yegor Semenoff! gritou Nadege conduzindo o rapaz para deante do velho.

— Tu!... o que te trouxe aqui?

Yegor exhibitou em responder.

— O exílio! respondeu finalmente.

— Também elle! exclamou o poeta, como se fallasse consigo mesmo. Pobre rapaz!

Yegor referiu-lhe circunstanciadamente a sua prisão, como fôra mandado para as minas de cobre de Nertchinsk, e como fôra chamado para o serviço de Nadeieff, concessionario das minas.

zito de treze annos, chamado Ladislau, filho de um polaco, cujos dias se acabaram no exílio. Dotado de um caracter laborioso e amavel, o orphãozinho era a consolação dos que o tinham adoptado.

Nadeieff tinha voltado para Irkutsk e Yegor já trabalhava, havia algumas semanas, sob sua direcção. O concessionario das minas de Nertchinsk parecia contentissimo com o seu secretario. Dava-lhe a maior liberdade possível. Não se passava um dia sem que Yegor fosse visitar o venerando poeta Davidoff e a «sua familia.» Desgraçadamente as forças de Davidoff diminuiam sensivelmente; ia-se-lhe extinguindo a vida como uma lampada que já não tem azeite.

Uma noite Yegor encontrou Nadege e Ladislau banhados de lagrimas: o velho estendido n'um estrado já quasi não podia respirar. Deram-lhe algumas gotas de aguardente; pareceu melhorar um pouco, mas foi allivio momentaneo. O pulso

Fez um pequeno discurso aos seus antigos discipulos, fallando-lhes do futuro da Russia, do triumpho da liberdade...

Yegor e Nadege estavam chorando, de mãos dadas.

Trad.

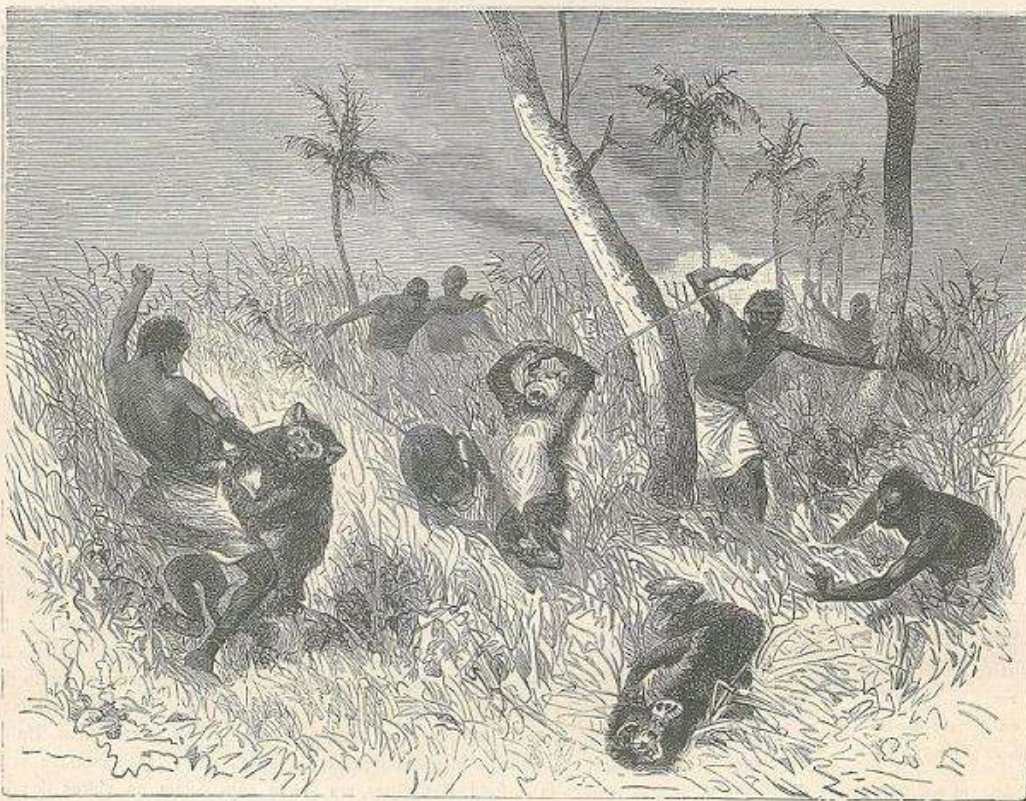
(Continua.)

ERRATAS

O sr. Pinheiro Chagas não poudé revér as provas do artigo — *actualidades* — publicado no nosso ultimo numero.

Sahiram por isso alguns erros dos quaes indicamos unicamente dois, pois que os outros são de pouca importancia.

Na linha 30 da segunda columna onde se lê — *estilo psychologico* — leia-se — *estudo psychologico* — e no final do artigo onde se lê — *criança pelo sentimento e pela alegria fica homem* — leia-se — *criança pelo sentimento e pela alegria fica, homem.*



OS SOKOS

— Porque não olha para mim? disse Yegor, notando que o velho se obstinava em não abrir os olhos.

— Olhar para ti?... Estou cego, filho... respondeu elle. Apesar d'isso vejo-te cá dentro. E levou a mão ao coração.

Yegor fez um gesto de dolorosa piedade.

Fallou-se muito da patria distante, dos soffrimentos experimentados no exílio; Davidoff descreveu a Yegor a viagem que fez, com a filha por meio do gelo, sem descansar durante as noites: foi por causa d'essas fadigas que adoeceu dos olhos, e que, mais tarde, perdeu a vista.

Yegor voltou a casa dos seus amigos no outro dia, e em todos os que se seguiram. Encontrava sempre Nadege sentada, fiando como uma camponesa russa, ou então fazendo a comida. Era ajudada nos trabalhos domesticos por um rapa-

tornava-se cada vez menos frequente, os olhos encovavam-se, os beiços faziam-se brancos.

— Pac? disse-lhe Yegor sentando-se ao lado d'elle.

Davidoff viron com difficuldade o rosto pallido e decomposto; tentou abrir as palpebras como se podesse ver e balbuciou algumas palavras incompreensiveis.

Ajudado por Nadege, Yegor quiz levantar o velho, cujo corpo já estava inerte.

Os labios moveram-se de novo; elle tinha reconhecido a voz de Yegor fallando a Nadege, e ordenando a Ladislau que fosse chamar um medico.

— Estou melhor, obrigado, balbuciou o ancião. Já chegámos a Kieff, não é verdade? Foi uma viagem comprida!...

Estava delirando.

ENYMA



— ão

Explicação do enigma publicação no numero 9:

Quem o seu não vê o diabo lh'o leva.

Lisboa — Typ. de Christovão Augusto Rodrigues
Rua do Norte, 113, 1.º